

REVISTA DE ARTE E DE CRITICA

ANNO I

DEZEMBRO DE 1878

NUMERO 2

DO ESTADO DO THEATRO EM PORTUGAL

Um dos raros cultores da Critica em Portugal, descobridor e annotador de *Ulurus, o sublime damnado do Satanismo* (1), affirmava recentemente, com a auctoridade imaginavel e com tom dogmatico de convicção severa, a seguinte blasphemia, que a colera celeste não puniu ainda: «O palco não é tribuna.» No prefacio da *Lucrecia Borgia* escreve o dramaturgo da *Marion*: «Le théâtre est une tribune. Le theatre est une chaire. Le théâtre parle fort et parle haut. Lorsque Corneille dit:

Pour être plus qu'un roi tu te crois quelque chose,

Corneille c'est Mirabeau. Quand Shakspeare dit: *To die, to sleep*, Shakspeare c'est Bossuet.»

Contradição manifesta e dogmatismo igual entre o pensador dos *Miseraveis*, e o infinitesimo da Critica. Aceitamos o primeiro.

O theatro moderno consubstancia-se na *these*. A phase analytica do theatro de Corneille, no despon-tar do seculo XVII, continuada pelo tragico da *Athalie* e por Molière até, ao primeiro periodo do seculo seguinte, e transformada, no theatro de Voltaire e de Beaumarchais, em demolidora e activa propaganda, obedece ao vigoroso impulso do Romantismo, no tocante ao dogmatismo da *fôrma*: os desvairamentos do periodo romantico só permittem, porém, o libertar da Arte em frente de taes exclusivismos. Consummou-se a parte ma-terial da obra de renovação. Na parte fundamental, os auctores do movimento legaram-nos gigantescos esboços. Oppozeram á frieza do velho sentimento a declamação, tempestuosa, ardente, mas convencional. Reacção violenta, é certo, mas conducente a uma reacção grutesca: as tentativas scenicas de Zola. Apoz um turbilhão — um sorvedouro. Hontem, com o velho Dumas, o *fatal Antony*: — «Rezistia-me, assassinei-a.» Amanhã, no palco, em dansa macabra, os Rougon-Macquart incestuosos, bebados, anemicos — as creações logicas do Balzac minusculo — e os nossos Zolas de alcôuce applicando o monoculo sobre o *caso* e apoiando, em lingua bunda.

* * *

Entre nós, em toda a linha, os artistas estão comple-tamente desnordeados. E' sabido que as grandes renova-ções da Arte produzem as pleiades artisticas: assim o theatro de Garrett e a vigorosa pleiade que tem nos

(1) Vid. o «Livro de Critica», por Luciano Cordeiro.

velhos actores Theodorico e Rosa e na immortal Emi-lia das Neves os ultimos representantes. Indecizão na Arte: a chronica theatral jornalistica, na immensa maio-ria, profundamente ignorante; o publico, *educado* pela chronica, decorando os nomes das atrevidas mediocrida-des, que ella — a perdida — lhe recommenda; o mais sor-dido mercantilismo explorando a voz, a plastica, a re-putação equivoa e o descaramento pessoal de nullida-des intruzas; uns pigmeus da imprensa acobertando com a sua ridicula *protecção* os pigmeus do palco: em rezumo, o theatro considerado, por uns como ante-ca-mara do bordel — e por outros como a unica profissão que dispensa estudo, dignidade e intelligencia.

Entretanto, as raras vozes indignadas prégam no deserto; os bons e promettedores talentos succumbem, á mingua de animação honrada; os emprezarios vege-tam á beira da fallencia; o publico embrutece-se; as nullidades da imprensa e do palco *vão vivendo* no desprezo mutuo e um véu de desdem envolve gradualmente a mais poderosa manifestação da Arte, a mais opulenta e uberrima de ensinamento, de vida e de reconstitui-ção.

* * *

Recentemente, aos olhos da critica severa, um cla-rão de esperanza illuminou os nossos palcos. Annun-ciara-se um dramaturgo. Nos «Lazaristas», o sr. An-tonio Ennes affirmara, de par com excellentes dotes na *dramatização* do pamphleto, conducentes á elabo-ração da *these* dramatizada, — certo conhecimento da lingua, muita energia e um tanto de observação. As tendencias do grave e esclarecido espirito do sr. A. Ennes indicavam-n'o como o renovador fecundo da nossa Arte, renovador pela Psychologia, *via scientifica*, como Garrett pela omnisciencia. E que a palavra altiva não avoqe a piedade dos modernissimos: foi pela omni-sciencia que Shakspeare interpretou a Grecia e a Italia, sem o grave estudo de Sismondí ou de Heeren, mas firmado, apenas, nas biographias de Plutarco e nas novellas de Grimaldi. Ora, se ao simples estudioso não é dado — e não é decerto — pleitear com o genio fô-ros de intuição, que as conquistas d'este ultimo lhe sejam ponto de partida para conquistas novas.

E qual é a feição poderosa do theatro shakspea-reano, eternamente *actual* e superior? é a analyse humana; é o constante predominio dos sentimentos eternos, feição immortal e diyina do *Otello*, do *Hamlet*, do *Rei Lear* e das chronicas do grande inglez: luz enorme, que elucida Molière e Balzac, os gigantescos illu-minados que devassam, a seu turno, com sua luz, a es-curidão da alma. Elucidados e não imitadores; esta po-bre familia deu a Racine — Campistron, a Shakspeare — Knowles; a Balzac — Champfleury, e ao Victor Hugo do *Triboulet*, o sr. Ennes do *Saltimbanco*.

em que os factos me tem confirmado, eu lá mandei por este ultimo vapor uma Epistola em verso á Imperatriz, acompanhada de uma carta em prosa ao Imperador, agradecendo-lhe a absolvição do velho por quem eu intercedêra; e tanto n'uma como n'outra peça, invocava a sua protecção para a escola primaria. Sei que nada hão de fazer, e se fizerem alguma coisa, ficarei a tremer com medo de que esteja o mundo para acabar; porque pessoas que tem tratamento de *magestade*, fazem coisa que tenha uma significação real para bem, será phenomeno de Apocalypse.

Não mando a V. Exc.^a estas duas composições, por não haver agora modo de as copiar, e porque será melhor lel-as impressas; o que não tardará muito.

Aqui tenho visto o Vieira de Castro. Leu-me o seu *drama*, não me pareceu bom, disse-lh'o e aconselhei-o como entendia; já se sabe com a mais stricta delicadeza: é provavel que elle não gostasse; elle não voltou. A representação que elle ultimamente dirigiu ao Rei, e que por ahí saiu nos periodicos, essa sim que me pareceu boa: eu julgo-o moço de talento e de prestimo, mas por ora é a Roma ainda em estado de aldeia; deve trabalhar e esperar; as minhas exhortações, que eu receio lhe não toassem, a isto se reduziam.

Adeus, minha cara Snr.^a — eu sou e heide sempre ser

Lisboa, 10 de Setembro de 1857.

De V. Exc.^a
o mesmissimo que sempre

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

NEVRÓSE NOCTURNA

Bella, disia eu, como um navio á vella,
para um paiz polar, por um silencio amigo.
Bella como uma estatua e gélida como ella.
Bella! disia eu, como um sepulchro antigo.

Bella, disia eu, agil como um jaguar,
assim me inspire o Fado e Satanaz me deixe!
Bella disia eu, fria como um luar
sobre o dorso lusente e excepcional d'um peixe.

Bella, disia eu, como uma mesa lauta
para um festim pagão: a Forma, o Som, e a Cór.
Bella, disia eu, como nocturna flauta,
desfiando, no mar, a ladainha — Dôr.

Bella, disia eu, fria como o marfim.
Bella como um calado e longo cemiterio,
em que se vê vagar, como no seu jardim,
o coveiro, ao luar, vegetativo e sério.

Bella como um perdão ao pé do cadafalso.
Bella como o lusir do orvalho nas seáras.
Nevada como um pé curto, branco, e descalço,
fugitivo atravez das grandes hervas claras!

Bella como o sentir as espiraes do gozo
n'um fundo sensual de sombras perfumadas.
Bella como, aos clarões d'um ceu calamitoso,
as plantas tropicaes, direitas como espadas.

Bella como os-portaes e as torres ao abandono
saxonias, que entreviu Anna Radcliffe.
Bella e solemne, sim, como o tranquillo somno
d'um perfil virginal na sombra d'um esquite!

Bella como um espelho espherico, polido,
aonde collos nós luzem pallidamente.
Bella como o sentir a seda d'um vestido
arrastar, como arrasta a cauda da serpente.

Bella como o sorrir vermelho d'um rainunculo,
Bella como uma flor aquatica do Mar.
Bella como na treva o brilho d'um carbunculo.
Bella! disia eu, como um azul polar.

Bella como a expressão das notas de Mehul.
Bella como uma flor n'um muro de cadeia.
Bella como a sonhar, sobre um divan azul,
fumando, perseguir a nebulosa Idéa.

Bella, disia eu, como uma Feiticeira
da Thessalia, evocando a ensangentada lua.
Bella como, no outomno, a luminosa esteira
azulada e sem fim d'uma comprida rua.

Bella como arrendado e flammejante altar,
onde se vão unir os corações dos noivos.
Bella como o silencio heroico e tamular,
em que se escuta, ao fundo, o germinar dos goivos.

Bella, disia eu... Mas, n'isto, sobre o leito,
em que scismava assim, voltou-se, levemente,
a invencivel mulher que me inflammará o peito.
E os meus olhos no quarto erraram novamente.

E foram-se cravar n'um pente de metal,
e as varias cousas mil que, ao baço candeeiro,
vinham-se reflectir sobre um espelho oval
destacando da cór branca do traveseiro.

E, então minha Nevrose armou um largo cinto
de monstros collossaes, fatidicos de ver!
á hora em que o burguez profunda o labyrinth
das mil complicações do *deve* e do *ha-de haver*.

Desfillava-me em torno um batalhão medonho
de monstros ideaes, d'escamas reluzentes:
tomavam Som e Cór as proporções do Sonho:
olhavam-me animaes, d'olhos surprehendentes.

Bella, disia eu, por todas as potencias
celestes, infernaes, terrestres e de horror!
Bella, concordo eu, cheia de transparencias:
mas sem um grande *quid*... a Crispação da Dôr!

Sim, a Dôr, sem a qual a argilla humana passa,
sem um rasto deixar na vasta Natureza;
a Dôr, gamma final na musica da graça:
a Dôr, ultimo *tom* na escalla da Belleza:

Que tens? porque deitado ao pé das fragas,
Gemes a custo em vil torpôr submerso?
Brinca tambem, ó mar, enrola as vagas,
E vem, se podes, embalar meu berço.» —

Mas um dia fatal, em torno d'ella,
A sombra d'Elohim pairou nos ares,
E ao som ruidoso d'infernal procella,
Passou rente co'a terra erguendo os mares.

E ella, qual pobre flôr sêcca e myrrhada
Que a lava arroja em turbilhões de fumo,
Sentiu metter-lhe os hombros a rajada
E arrastal-a no chão sem lei, sem rumo.

E hoje, que é d'ella, ó sol? N'essas paragens,
Ainda em pé na gavea o marinheiro
Ergue altivo seus canticos selvagens,
Procurando um albergue hospitaleiro:

Mas em torno de si, no mar deserto,
Só vê mil rôlos de fervente espuma,
E a gaivota que defende em giro incerto
Do horisonte longinquo a densa bruma.

E tu, ó sol, tu passas, como d'antes,
Serenos, magestoso, e solitario,
Doirando as vastas solidões fluctuantes
Que são da pobre Atlantida o sudario.

Deus creou-te immortal.—Seu braço immenso
Gravou no teu clarão:—«Gloria e mysterio»
E entre nuvens de canticos e incenso
Deu-te d'ignotas solidões o imperio.

Eia! caminha, pois—esparge ufano
N'esses êrmos sem fim teus mil fulgores;
E deixa o homem levantar insano
D'um orgulho infundado os vãos clamores.

Eu já li nas canções d'antiga raça
Que um dia cabirás do excelso throno,
Como as penhas, que o raio despedaça,
Ou como as folhas que desprende o outomno:

E ri-me.—O verme insano, o rei obscuro
Por suas mãos em farça vil c'roado,
Imaginar-se um Deus, lêr no futuro,
E erguer aos astros pavoroso brado!

Elle, que ao teu clarão, surgindo ufano
Do seio inerte da brutal materia,
Nem vê nos ceus, nos montes, no oceano
De seu fadario horrivel a miseria!

Elle julgar-se um Deus!... Mas n'outra idade
Tambem eu te bradei, louco d'amores:
—A ti, a ti, ó sol, a immensidade,
Mas a nós... as paixões, a crença e as flôres.»

Doido! Que importa caminhar na terra
Ebrio d'amor, d'aspirações e gloria,
Se tudo, tudo que este mundo encerra
Tem d'esquecer por fim nossa memoria?

Que vale, ó sol, n'um extasis profundo
Criar mil sonhos d'immortal belleza,
Se nem um clo—um só!—nos prende ao mundo?
Se nada tem comnosco a natureza?

Segue, segue o teu curso, astro bemdito,
Que entre milhões de soes vaidoso passas,
Derramando nos seios do infinito
O ardente germen de futuras raças.

Tu, sim, és immortal.—Na tua frente
Reluz etherea, inextinguivel chamma,
Que, sempre, sempre, á voz do omnipotente,
De novas eras o raiar proclama.

Tu, sim, és immortal. Embora um dia
Perdido, ao longe, na veloz carreira,
Deixes de novo a terra árida e fria,
Buscando n'outros ceus a errada esteira:

Embora.—Ao teu clarão, todo o universo
Clamará ao Senhor — «Senhor, piedade! —»
E elle, fendendo os ceus em luz submerso,
Te mostrará de novo a immensidade.

ALEXANDRE BRAGA.

CARTA INEDITA

ILL.^{ma} e EXC.^{ma} SNR.^a

O espirito de V. Exc.^a não anda satisfeito, vejo-o n'esta sua carta de 5 do corrente. Não lhe faltam para isso razões; ruim mundo é este na verdade, não valia muito a pena de se nascer! se alguma coisa floresce n'este valle de miserias são os tolos maus.

Eu quizera dizer alguma coisa a V. Exc.^a que a animasse, mas se realmente a não ha! pelo menos não a conheço eu. Nós, quanto a saúde, não temos razão de queixa; quanto a guerra, estamos n'uma especie de armistício tacito.

A opinião em favor do methodo melhorou notavelmente desde que publiquei o Discurso Preliminar á 4.^a edição do *Methodo*; a imprensa, de então para cá tem-se deixado de brutalisar; pelo contrario, grande parte d'ella tem prestado homenagem á reforma; no Brazil tem progredido lentamente, mas progride: tudo isto de pouco serve, porque o inercial governo, a resistencia de penhascos do professorado, e a infamia do traidor covardissimo, e crassissimamente ignorantissimo conselho superior, vão moendo e matando as esperanças e os naturaes e generosos impulsos dos homens de bem.

Eu perseverei por fadario, por birra, por envergonhar, não a elles, mas á fortuna. No Brazil algum desenvolvimento que se nota nas escolas é quasi exclusivamente de iniciativa particular e provinciana: o governo central de lá, é como o governo de cá.

Decididamente, não é dos thronos que hade jámais vir regeneração ao povo. Não obstante esta convicção,

em que os factos me tem confirmado, eu lá mandei por este ultimo vapor uma Epistola em verso á Imperatriz, acompanhada de uma carta em prosa ao Imperador, agradecendo-lhe a absolvição do velho por quem eu intercedêra; e tanto n'uma como n'outra peça, invocava a sua protecção para a escola primaria. Sei que nada hão de fazer, e se fizerem alguma coisa, ficarei a tremer com medo de que esteja o mundo para acabar; porque pessoas que teem tratamento de *magestade*, fazerem coisa que tenha uma significação real para bem, será phenomeno de Apocalypse.

Não mando a V. Exc.^a estas duas composições, por não haver agora modo de as copiar, e porque será melhor lel-as impressas; o que não tardará muito.

Aqui tenho visto o Vieira de Castro. Leu-me o seu *drama*, não me pareceu bom, disse-lh'o e aconselhei-o como entendia; já se sabe com a mais stricta delicadeza: é provavel que elle não gostasse; elle não voltou. A representação que elle ultimamente dirigiu ao Rei, e que por ahí saiu nos periodicos, essa sim que me pareceu boa: eu julgo-o moço de talento e de prestimo, mas por ora é a Roma ainda em estado de aldeia; deve trabalhar e esperar; as minhas exhortações, que eu receio lhe não toassem, a isto se reduziam.

Adeus, minha cara Snr.^a — eu sou e heide sempre ser

Lisboa, 10 de Setembro de 1857.

De V. Exc.^a
o mesmissimo que sempre

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

NEVRÓSE NOCTURNA

Bella, disia eu, como um navio á vella,
para um paiz polar, por um silencio amigo.
Bella como uma estatua e gélida como ella.
Bella! disia eu, como um sepulchro antigo.

Bella, disia eu, agil como um jaguar,
assim me inspire o Fado e Satanaz me deixe!
Bella disia eu, fria como um luar
sobre o dorso lusente e excepcional d'um peixe.

Bella, disia eu, como uma mesa lauta
para um festim pagão: a Forma, o Som, e a Cór.
Bella, disia eu, como nocturna flauta,
desfiando, no mar, a ladainha — Dôr.

Bella, disia eu, fria como o marfim.
Bella como um calado e longo cemiterio,
em que se vê vagar, como no seu jardim,
o coveiro, ao luar, vegetativo e sério.

Bella como um perdão ao pé do cadafalso.
Bella como o lusir do orvalho nas searas.
Nevada como um pé curto, branco, e descalço,
fugitivo atravez das grandes hervas claras!

Bella como o sentir as espiraes do gozo
n'um fundo sensual de sombras perfumadas.
Bella como, aos clarões d'um ceu calamitoso,
as plantas tropicaes, direitas como espadas.

Bella como os portaes e as torres ao abandono
saxonias, que entreviu Anna Radcliffe.
Bella e solemne, sim, como o tranquillo somno
d'um perfil virginal na sombra d'um esquife!

Bella como um espelho espherico, polido,
aonde collos nós luzem pallidamente.
Bella como o sentir a seda d'um vestido
arrastar, como arrasta a cauda da serpente.

Bella como o sorrir vermelho d'um rainunculo,
Bella como uma flor aquatica do Mar.
Bella como na treva o brilho d'um carbunculo.
Bella! disia eu, como um azul polar.

Bella como a expressão das notas de Mehul.
Bella como uma flor n'um muro de cadeia.
Bella como a sonhar, sobre um divan azul,
fumando, perseguir a nebulosa Idéa.

Bella, disia eu, como uma Feiticeira
da Thessalia, evocando a ensanguentada lua.
Bella como, no outomno, a luminosa esteira
azulada e sem fim d'uma comprida rua.

Bella como arrendado e flammejante altar,
onde se vão unir os corações dos noivos.
Bella como o silencio heroico e tamular,
em que se escuta, ao fundo, o germinar dos goivos.

Bella, disia eu... Mas, n'isto, sobre o leito,
em que scismava assim, voltou-se, levemente,
a invencivel mulher que me inflammara o peito.
E os meus olhos no quarto erraram novamente.

E foram-se cravar n'um pente de metal,
e as varias cousas mil que, ao baço candeeiro,
vinham-se reflectir sobre um espelho oval
destacando da côr branca do travesseiro.

E, então minha Nevrose armou um largo cinto
de monstros collossaes, fatidicos de ver!
á hora em que o burguez profunda o labyrintho
das mil complicações do *deve* e do *ha-de haver*.

Desfillava-me em torno um batalhão medonho
de monstros ideaes, d'escamas relusentes:
tomavam Som e Cór as proporções do Sonho:
olhavam-me animaes, d'olhos surprehendentes.

Bella, disia eu, por todas as potencias
celestes, infernaes, terrestres e de horror!
Bella, concordo eu, cheia de transparencias:
mas sem um grande *quid*. . . a Crispação da Dôr!

Sim, a Dôr, sem a qual a argilla humana passa,
sem um rasto deixar na vasta Natureza;
a Dôr, gamma final na musica da graça:
a Dôr, ultimo *tom* na escalla da Belleza:

a Dôr, fóco, onde vão reconcentrar-se as côres do vivo sol do Amor despotico e cruel: do perfume subtil que completa as flores: a voluta ideal que beija o capitel!

Por isso, eu quero ver como o seu bello rosto se crispa, á sensaçãõ extranha do meu braço: e quero na tenaz sinistra do Desgosto, fazel-a resaltar como uma mola d'aço!

Quero vel-a quebrar essa monotonia de linhas ideaes, divinas, impassiveis; coagil-a a sair da gélida apathia, que é como a abstracção das Cousas Insensiveis.

Quero vél-a tremer, os labios roxeados, fasendo exclamações euphonicas na salla: e em varias gradações, seus olhos injectados terem a fulva côr chimerica da opála.

Quero sim! quero ver!... Mas, n'isto, rudemente, prostrou-me o plumbeo somno invicto, pesado, e a cabeça caiu-me; ah! invencivelmente! no seu negro cabello esplendido e azulado.

Lisboa. Novembro—78.

GOMES LEAL

MOVIMENTO RELIGIOSO

I

A Egreja romana, para exercer uma certa jurisdicção na marcha das idéas e manear os progressos que ella prevê fóra dos dominios da sua inacção systematica—mas perniciososa a si propria, exclama pelo Syllabus, com o orgulho d'um inconsciente: «Eu sou a moral; eu sou a sciencia!»

Outr'ora, quando o espirito humano se circunscrevia a uma acção limitadissima, quando o homem respeitava as tradições religiosas—sem as submeter ao seu criterio, quando se deixava escravizar pelo governo theocratico—sem pensar nos resultados d'esse systema politico, então a Egreja podia desassombradamente exclamar: «Eu sou a moral, eu sou a sciencia!»; porém hoje que o quadro das sciencias se vae desenvolvendo, independentemente da auctoridade dos dogmas e das classicas imposições dos concilios, é uma cegueira manifesta a pretensão do catholicismo.

Depois que a philosophia de Leibnitz introduziu no estudo do mundo moral—como no estudo do mundo physico— a idéa fecunda do desenvolvimento, que permite organizar o cahos da Historia, do mesmo modo que permite chegar á correlação das forças naturaes, o homem, avido da luz e de impulso, transpoz as balizas da ignorancia e do fanatismo, assimilando novos elementos de vitalidade.

Hoje, as religiões são estudadas á luz imparcial da Historia e da Critica, do mesmo modo que as sciencias á luz do Empyrismo e da Verdade.

O mundo actual já não é aquella habitação da idade-media—em que o homem chorava a desobediencia do seu primitivo congenere; em que elle, para al-

cançar a bemaventurança, se entregava a jejuns e mortificações—com que ia perdendo a vida em serviço d'uma chimera, a qual servia unicamente para lhe roubar o senso commum, para lhe atrophiar a razão, e embotar o sentimento moral, que, na phrase d'um philosopho contemporaneo, é a base de todas as virtudes.

Depois que a Philosophia da Historia vasou ondas de luz nos meandros da Biblia, depois que levantou o véo da allegoria poetica, que encobria os versiculos do homicida do Sinai,—o Livro da Lei perdeu a feição do sobrenatural e o poeta hebraico o cunho da pretendida revelação; depois que a Astronomia devassou os mysterios dos mundos longinquos e proclamou a vida no infinito, o céu theologico, pura assimilação do platonismo, foi desaparecendo, como os phantasmas d'uma allucinação ascetica; depois que a Geologia estudou bem a estrutura interior do globo, o inferno, o Tartaro do paganismo, deixou de amedrontar a imaginação popular; e depois, finalmente, que a sciencia positiva impoz silencio á methaphysica, o espirito humano, rico de vitalidade, abandonou o ambiente das subtilezas e acostumou-se a raciocinar.

Mas, a Egreja—apezar de tudo isto—ainda continúa a dizer-se a depositaria da moral e da sciencia, condemnando de falso e de improficuo tudo o que ella não auctorizar.

Como poderá ser a depositaria da moral, se ainda existe o celibato do sacerdote?

(Continúa.)

SOUZA MOREIRA.

CANÇÃO

O GIGANTE E O PIGMEU

(DE V. HUGO)

O seu perfil assombra a historia.
Quinze annos foi
O deus supremo da victoria,
Sublime heroe!
O mundo, então, não tinha paz,
Luctou, gemeu.—
Tu, seu macaco... marcha, atraz,
Pigmeu! pigmeu!

Napoleão, n'uma batalha,
Heroico e sério,
Guiava, em meio da metralha,
A aguia do imperio.
Elle, uma vez, chegou a Arcole,
Viu e venceu.—
Tu... rouba, o oiro te console,
Pigmeu! pigmeu!

Vienna, Berlin, são as princezas
Que elle forçava,
Lesto, e era assim que as fortalezas
Tambem tomava.
Ganhou cem praças resolutas
Que accommeteu.—

Tu... vai gozando as prostitutas,
Pigmeu! pigmeu!

Elle passava os montes, valles,
Tendo na mão
A palma, o raio, os bens e os males
Da multidão.

A sua gloria, que prazer
Com que a sorveu!

Tu... corre, ha sangue, vem beber,
Pigmeu! pigmeu!

Caiu, deixando livre o mundo,
E o abysmo largo

Abriu ao seu cair profundo
O seio amargo.

Sinistro archanjo, o oceano todo
O recolheu.

Tu... morrerás num mar de lodo,
Pigmeu! pigmeu!

FERNANDO LEAL.

O HOMEM DAS RUAS

Com a 1.^a representação do drama *O homem das ruas*, original do sr. Augusto Garraio, realisou-se no Theatro Baquet — noite de 26 — a festa artistica da sr.^a Amelia Garraio.

Se attendermos aos programmas da festa, — orndados com o retrato, em gravura, do finado louco *Martinho*, — bem como á caracterização do actor Foito, no papel de protagonista, será força vêr no *Jacques* do drama do sr. Garraio, o vulto popular, cujo nome se prende, na opinião geral, a um assassinato impune e — o que mais é — assassinato que não mereceu á justiça da nossa terra um momento das suas graves contigações.

Mas, voltemos á festa.

Cá fóra, nos corredores, segredava-se de conspiração contra o dramaturgo e o drama. Fallava-se de tormentosa demonstração, que nada tinha que vêr, decerto, com os meritos litterarios da peça, attendendo a que era tão desconhecida a peça quão discutivel a competencia dos conspiradores em assumptos, de arte, de bom senso e de seriedade.

O *mons parturiens* realizou-se, porém, ainda uma vez: o drama foi escutado com attenção e applaudido com justiça.

Não é uma these; é a dramatização de um viver lendario de popular typo, tractada com a aptidão de quem de ha muito possui os segredos e *trucs* de tal mister e os explora com intelligencia e acerto.

A scena final do 2.^o acto e todo o quarto acto, do drama, affirmam alguma cousa mais que aptidão: talento.

A beneficiada, a mais distincta e estimada artista d'aquelle theatro, teve no 1.^o acto uma *entrada*, que, pela disposição da scena, a furtou á recepção cordeal que lhe era licito esperar do publico. Mas no decor-

rer e no final do espectáculo, o publico desaggravou-se e applaudiu calorosamente a actriz.

Dois ou trez descontentes reagiram contra os applausos do publico, como que justificando os rumores de conspirações. A nós, afigura-se que a ressurreição do *Martinho* só pôde desagradar ao assassino, impune, do pobre louco, ou a alguém, mais ou menos esboçado, entre os episodios do drama.

A *Actualidade* exprimiu, em proza que diriamos do proprietario da gazeta, os singulares dotes de critica e de moralidade que distinguem entre nós o industrial supra. Condemnou-se a exploração do vulto de *Martinho*, armando-se á sensibilidade burgueza. O marçano critico, encarregado de traduzir os furôres do industrial, ignora que *A Dama das Camelias* é a reprodução da pobre Maria Duplessis, o que não impede que seja um dos mais poderozos estudos dramatizados de alta Psychologia, nos ultimos trinta annos decorridos.

O que taes desabafos importam sabemos nós — e por igual a maioria do publico. *Aquelle* falou (accetiae o generozo verbo!) outros ruminaram em silencio as reprezadas furias. Afinal, não perdem, no duplo cazo, nem o auctor, nem o publico — e a verdade alguma coisa adquire: o desmascarar dos ineptos de peior indole.

Cumprê-nos accrescentar que além da sr.^a Amelia Garraio, foi digno de honrado applauso o actor Soler, sempre distincto como o seu talento.

Uma doloroza circumstancia — vergonhoza tambem — cumpre notar, a propozito do assumpto em discussão: ha em diversas redacções jornalisticas d'este nosso Porto mais de um espirito elevado e culto, mais de um nobre character: a authoridade de certos *proprietarios* annulla, porém, as intenções honradas, as tendencias para o verdadeiro. Na ridicula covardia, que consiste em banir acintozamente, das columnas de um jornal, determinado nome de escriptor, *que não ousam aggreddir* — n'essa baixeza de industrial sem cerebro e sem alma, raro collaboram *proprietario* e jornalista: o primeiro, armado com a sua estupidez e com o seu dinheiro — *leadmente ganho* — ordena a suppressão, ou o ultraje, agachando-se por detraz do subordinado. No cazo do drama discutido, um dos industriaes decretou a indignação palavroza contra a exploração scenica, desforçando-se, (?) por tal modo, de severo e duro correctivo, que, ha tempos, n'outro theatro, lhe valêra a intervenção petulante na representação de um drama do mesmo auctor. Outros demoraram, por trez dias, a demonstração dos seus honrados juizos. Correram mundo, consultando, palpando, sondando o parecer dos assignantes de vulto. Ora, aos olhos de muitos afiguraram-se reflexo de certas infamias sociaes alguns dos episodios do drama. O parecer d'essa boa gente foi desfavoravel ao drama (rumores de consciencia): — logo, os dignos e corajozos *proprietarios* apressaram-se em condemnar o trabalho do dramaturgo. Não são estes *cafres* que elucidam os leitores: *elles* consultam préviamente a opinião boçal e dinheiroza e menos pura — e pronunciam em seguida. Foi sob o jugo d'esta boa gente que succumbiram Gomes Moniz, Adriano Villas Bôas e Miguel de Paiva; é sob tal jugo que vegetam, explorados indignamente, bons e honrados espiritos, que amanhã deixarão o seu in-

vulcero na enxerga da miseria, enquanto os exploradores *vão vivendo*...

Já vêm os leitores sinceros d'esta *Revista* o apreço, que deve merecer o juizo critico dos curiosos orgãos. Circunscrevâmos ao drama em questão as nossas observações: — no dia em que se espalhou no Porto a noticia do assassinato de *Martinho*, os dignos proprietarios de gazeta — na sua maioria — limitaram-se a registrar, sem commentarios, o apparecimento de cadaver. Um dos orgãos, o mais severo na condemnação da peça, cuspiu ironias a êsmo na memoria do finado, para gaudio dos leitores. Da justiça não reclamaram, os justos: um póbree de menos não merecia tanto — e alem d'isto, convinha guardar silencio: quem sabe se a morte do *Martinho* se prendia a algum episodio social que cumpria deixar no escuro e se a descoberta do assassino importaria o desvendar de algum vergonhozo mysterio? Na nossa terra, esclarecida por tão dignos orgãos, ha silencios que valem epopêas: hontem o guarda fiscal que morre na cadeia, *porque fumou um charuto*; hoje a *santonina* transformada em *strychnina*; e sobre tudo, como no cazo do *Martinho*, o silencio complacente d'estes honrados orgãos! A moralidade está na condemnação de um drama — talvez porque esse drama despertou para o crime impune a memoria do publico, adormecida...

Pomos ponto. Porventura, fóra do campo da critica tivemos de sair: é que os tartufos levam para todos os terrenos a baixeza que lhes é norma. Quando poupam um nome é *porque o temem*, elles. Nós não os tememos, nem respeitamos; nem ha porque respeitá-los, nem temê-los.

SILVA PINTO

CHIORA

Dizes-me que inda espere?!... Eu esperar agora
Era uma atroz loucura.
Tornou-se a vida minha, em vez de branca aurora,
Horriavel noite escura.

Ao vêr-te em braços d'outro a raiva me devora
O' minha amante pura!
O nosso affecto antigo, adoravel Chiora,
Tombou na sepultura.

Finou-se para mim, depois d'aquelle dia
Em que me abandonaste, insondavel e fria,
Sem piedade e sem dôr!

Eu soffro; gosa tu nos braços do ditoso,
Que eu vou pedindo a Deus que te conceda em goso
Quanto me deves, crê, n'este fatal amor.

ERNESTO PIRES.

OS RIDICULOS

Aquí tosquiam-se camélos

O *Diario de Portugal* (lisbonense), accuzando a recepção do 1.º numero da *Revista*, escreve:

REVISTA DE ARTE E DE CRITICA

«Recebemos o primeiro numero do jornal d'este titulo, publicado no Porto, pelo sr. Silva Pinto, que assigna trez dos seus principaes escriptos.

«Parece ter a publicação energica do titulo, pois que, invectivando a critica dos jornaes de Lisboa a respeito de Tamberlick, elevando-o ás alturas lendarias de uma creação oriental, deprime energicamente a Ristori, que a imprensa da capital julgara ainda na sua ignorancia possuir algum merecimento artistico.

«Para nos esclarecermos completamente sobre este caso de estetica da arte, desejamos, intimamente que o nosso auspicioso collega, viva uma longa vida de estudo consciencioso, e de analyse psychologica que tirem estes alfacinhas das trevas em que vivem mergulhados, á falta das auroras boreaes litterarias da cidade invicta.»

Nas breves linhas que ahi ficam cumpre *annotar* algumas falsidades, alguns dislates e muitissima ignorancia.

Vejamos:

E' falso que a *Revista*, seja publicada pelo sr. Silva Pinto: consulte-se o numero em questão.

E' falso que o nosso collega tenha elevado Tamberlick «ás alturas lendarias de creação oriental»: abeirou dos nomes de Frascini e Mario o do escouceado tenôr; crêmos bem que taes nomes são, para o franchinote, lendarios: a grammatica deve sê-lo, por igual: haja vista o aranzel escuro.

Não se sabe, pelo aranzel supra, se o sr. Silva Pinto assigna trez dos *seus* escriptos, se da *Revista*. Aquelle *seus* é dislate para açoites. Queira emendar—o pequeno.

«A publicação energica do titulo...» constitue symptoma de lesão, que o nosso empirismo cura, ainda, mediante a applicação de dois açoites. Desculpará o deshumano proceder!

«Ainda na sua ignorancia possuir...» impõe-nos a elaboração de igual receita.

No «desejar *intimamente*,» o adverbio dá-nos cuidado gravissimo. «Analyse psychologica que tirem» mostra-nos o insondavel. O nosso barbeiro, que nos mostrou a noticia, pede-nos que mandemos *á fava* o franchinote. Mandamos?

No tocante ás auroras boreaes da psychologia, cá do norte, não destruiriam—crêmol-o— as trevas em que vivem mergulhados o franchinote e os da sua igualha; pedir analyse psychologica, quebrando os narizes no terreno da analyse grammatical, é justificar o empenho do barbeiro e, já agora, não resistimos: — *Zut!*

—Em artigo de fundo escreve,—alludindo a Edgar Quinet,—o *Diario de Portugal*:

«*Estylista brilhante, philosopho e pensador profundo, historiador eminente, eis o que elle tem sido como escriptor; homem de sãs e claras ideias, apaixonado pela liberdade, tendo grande fé e extraordinarias esperanças no futuro da republica do seu paiz, eis o que elle é como vulto politico.*»

O bom do articulista ignora que Edgar Quinet (a quem chama Edgard) falleceu ha trez annos, aproximadamente.

Por onde se vê que os franchinotes do noticiario teem mestre de caza no dislate e na parvoice.

Zut!

O encarregado dos ridiculos,

RAPHAEL.

D. HORMIGO E SU HIJA

El padre de una hormiga—don Hormigo—
acérrimo inimigo
de toda occupacion pezada ó leve
¡cuanto hay de esto en el siglo diez e nueve!—
mandaba trabajar más que podia
á la hija que tenia,
mientras elde una en otra comilona,
se pasaba una vida regalona.
La hormiga se quejaba,
pero la pobre nada adelantaba,
y quanto mas remaba dia e noche
tanto mas de su padre era el derroche.
Yá una vez se atrevió á decir al viejo:
—Senõr, mirade que perderé el pellejo,
pues con las cargas que al granero bajo
no podría un robusto escarabajo.
¡Ay de mi, desdichada!
Ya nada os satisface, nada, nada!
Antes sólo traía
un grano de cebada
en cada viage que al rastrojo hacía;
ahora, dos acarreo, carga suma
que me rinde, me abruma;
Ya mandais que sean tres, con voz que aterra,
Y esto dará senõr, conmigo en tierra.—
Don Hormigo, al oir tales razones,
exclamó: —¿Cómo és eso? Que me dices?—
Ve, pues, aunque te rompas las narices,
ó te sacudó un par de puntillones.—
La triste hormiga obedició llorando;
mas, ay! que, al ir á casa regresando,
bajo el peso cruel que la sofoca,
reventó, echando sangre por la boca...
Tenga siempre el que manda, esto presente
*A la nacion más rica y floriciente
si con pezadas cargas se le hostiga,
le pesará lo mismo que á la hormiga.*

V. R. AGUILERA.

EXPEDIENTE

O 1.º numero da Revista obteve da incuria do revisor alguns erros, — de certa gravidade, se attendermos á *boa fé* de uma parte de adversarios nossos. No intuito de impedir, opportunamente, as manifestações d'essa *boa fé*, apressámo-nos em publicar n'uma folha diaria, no dia em que viu a luz a Revista, as linhas que em seguida transcrevemos:

A pag. 8, onde se lê: *desacato de lei. Um e outro humorista*, deve ler-se: *desacato de lei, um e outro humorista*.

Na mesma pagina, onde se lê: *Augusto Seromanho*, leia-se: *Augusto Seromenho*.

E, ainda na alludida pagina, onde se lê: *da vigorosa pleiade portuense e que, nos ultimos annos, deve lêr-se: da vigorosa pleiade portuense, que nos ultimos annos*.

E basta.

*
* *

A Bibliotheca do Porto continúa a ser o patrimonio dos felizes desocupados durante as horas de actividade geral — das 10 ás 3. Ha pouco, foi lido, em sessão da camara municipal, um requerimento, assignado por grande numero de escriptores, advogados e professores, tendente a obter da Camara a abertura da Bibliotheca até ás 9 horas da noite. Resolveu-se, apoz larga discussão, que o tempo da abertura será prolongado quando houver recursos.

Entre varios bocadinhos de ouro, dispensados pelo digno prezidente da Camara — que é tambem o vereador encarregado do pelouro das Bibliothecas e Museus — registramos a appellação para o exemplo que nos offerece Paris, «terra mais civilizada do que a nossa e onde o numero de horas de leitura é assáz limitado.»

Raciocinio do sabio vereador: O numero de horas de leitura deve diminuir segundo a ignorancia publica.

Concebe-se que ficaremos eternamente na espectativa dos recursos, emquanto o pelouro das Bibliothecas estiver em semelhantes mãos. Registremos apenas o nome do apostolo da instrução popular, para gratidão dos vindouros:

—Antonio Pinto de Magalhães Aguiar; professor da Academia Polytechnica da cidade do Porto.

A poesia inedita, de Alexandre Braga, que promettemos no 1.º numero da Revista, sairá no 3.º numero. A que hoje publicámos foi reconstruida para este semanario pelo poeta das *Vozes d'Alma*, o homem que representa no movimento romantico do nosso paiz o papel desempenhado por Lamartine no romantismo francez.

A carta do finado Castilho, que hoje publica esta Revista, faz parte de uma curioza collecção, em poder do moço bibliographo o snr. J. Leite de Vasconcellos. O documento em questão lança uma nova luz sobre a face litteraria de Castilho, e como tal o apresentamos.

SILVA PINTO.